

## IDENTIDADES EM FRONTEIRAS: O ROMANCE *ALL THE PRETTY HORSES*, DE CORMAC MCCARTHY

Francisco Romário Nunes (UFBA)

### RESUMO

O espaço da fronteira entre Estados Unidos e México apresenta uma cultura híbrida e movente onde as identidades dos sujeitos da região são implicadas pelas transformações culturais e espaciais. O romance *All the pretty horses* (1992), do escritor Cormac McCarthy, tem como temática a modernização do oeste e conta a história de John Grady, um jovem *cowboy* que presencia a desagregação familiar e a perda da fazenda após a morte do avô. Como consequência disso, o personagem decide atravessar a fronteira rumo ao México em busca de uma vida antiga que não é mais possível no oeste norte-americano. Contudo, o contexto mexicano é outro, com suas próprias leis e relações de poder. Nesse sentido, o objetivo do presente texto é pensar as identidades locais, as culturas e as fronteiras a partir do romance de McCarthy. Como aporte teórico, discutimos os conceitos de identidade e fronteira através de Cucho (1999), Achugar (2006) e Canclini (2015). Partimos do pressuposto que o romance apresenta identidades em conflito com as transformações do espaço e da cultura na fronteira.

**Palavras-chave:** Identidade. Cultura. Fronteira. Literatura.

O oeste – território entre Estados Unidos e México – apresenta complexidades e relevos diversos na sua paisagem, e se espalha tanto no campo da realidade empírica quanto na produção de discursos ficcionais. Ao longo dos séculos XIX e XX, profundas transformações ocorreram nesse espaço, o que implica outras formas de habitá-lo, compreendê-lo e vivê-lo. As narrativas literárias, nas suas tessituras, traçam panoramas e especificidades desse oeste movente, que se mistura com a vida das personagens inscritas nos discursos produzidos por escritores que assumem a região como espaço para suas histórias. Nesse sentido, a própria literatura se torna parte do oeste, nasce da experiência local, e ascende para outras fronteiras.

O romance *All the pretty horses*<sup>1</sup>, do escritor estadunidense Cormac McCarthy, narra uma perspectiva acerca da transformação do oeste tendo como contexto a década de 1940. John Grady Cole, personagem central, possui uma identidade conflitiva por não se adequar às novas demarcações espaciais, causadas, especialmente, pela

---

<sup>1</sup> A edição brasileira do romance é intitulada *Todos os belos cavalos*, com tradução para o português de Marcos Santarrita, publicado pela editora Companhia das Letras, 1993.

industrialização. O personagem vê as formas tradicionais de ocupação do espaço sendo substituídas pelos campos de petróleo que modificam tanto a paisagem quanto as relações socioculturais dos sujeitos.

O romance imbrica problemáticas nas identidades que compõem parte da cultura na fronteira. Nesse contexto, é fundamental refletir alguns aspectos sobre o conceito de identidade, além de pensar como as fronteiras também ajudam a constituir os sujeitos, suas experiências e histórias locais. Fundamentamos as reflexões do texto a partir de delineamentos apresentados pelos críticos Cuche (1999), Achugar (2006) e Canclini (2015).

Refletimos, assim, a transformação do oeste inscrita na prosa de McCarthy, e como tais traços errantes também movem a cultura e as identidades humanas. A questão da fronteira é outra perspectiva que perpassa à narrativa, uma vez que o próprio território se faz nessa linha temática, nos seus cruzamentos e caminhos híbridos.

### **Identidades em fronteiras**

A errância no espaço sempre foi uma característica do ser humano, onde a sobrevivência em um local determinado era resultante das condições encontradas para a manutenção social dos sujeitos. Se o ambiente não corroborasse uma vida adequada, homens e mulheres se colocavam em trânsito novamente em busca de um novo espaço mais propício a vivência em pequenos grupos. O surgimento de aglomerados urbanos e em seguida de territórios nacionais com suas fronteiras definidas não significou o fim das migrações. Os indivíduos continuam em movimento, seja nos seus próprios países de origem, como também cruzando fronteiras (por meios “oficiais” ou “clandestinos”). Esse caráter confere à formação das identidades dos sujeitos complexidades medidas não somente pelo lugar de nascimento, língua materna, cor da pele, sexo, ou classe social, mas através de outros fluidos que compõem a identidade de cada um enquanto indivíduo em trânsito constante no espaço, e que mantém interações com identidades diferentes da sua.

A identidade não pode ser enclausurada no espaço. Se tomarmos como premissa que os processos culturais e suas transformações também inscrevem nos sujeitos modos de ser, que por sua vez, reescrevem as culturas, dessa forma, a identidade existe (ou resiste) nesse entrecruzamento de mutações. Cuche (1999, p. 196), ao estudar as noções de cultura e identidade, afirma que a identidade possui difícil definição e delimitação, especialmente pela “[...] razão de seu caráter multidimensional e dinâmico. É isto que lhe confere sua complexidade, mas também o que lhe dá sua

flexibilidade. A identidade conhece variações, presta-se a reformulações e até a manipulações.”

No bojo da cultura, os processos individuais e coletivos de identificação de um ser humano por outro indicam a natureza híbrida e mutante dos sujeitos históricos. Segundo Cuche (1999, p. 198), “a identidade se constrói, se desconstrói e se reconstrói segundo as situações. Ela está sem cessar em movimento; cada mudança social leva-a a se reformular de modo diferente.” Nesse traço, ou rastro no termo derridiano, os sentimentos de pertencimento a determinados locais também se modificam, uma vez que a identidade passa a ser lembrada não exatamente como um elo a um espaço específico, mas a certos imaginários coletivos e/ou narrativas da tradição (ancestralidade) que atestam outros dispositivos identitários.

No presente texto, a ideia de fronteira não pode ser esquecida, tendo em vista que nosso interesse é pensar como as identidades na região oeste entre Estados Unidos e México se cruzam, e, são vinculadas aos lugares e modos de ser de cada país. Compreender a fronteira é importante, especialmente, por apresentar uma realidade conflitiva e ao mesmo tempo complexa na vida de mexicanos e americanos que convivem naquele espaço. Porém, não podemos determinar que de um lado da fronteira as coisas funcionam de um modo, e do outro de maneira totalmente diferente. Há diferenças, mas também há traços que representam uma interação singular entre ambos.

Para ampliar a discussão sobre as identidades em fronteira, ainda segundo Cuche,

O que cria a separação, a “fronteira”, é a vontade de se diferenciar e o uso de certos traços culturais como marcadores de sua identidade específica. Grupos muito próximos culturalmente podem se considerar completamente estranhos uns em relação aos outros e até totalmente hostis, opondo-se sobre um elemento isolado do conjunto cultural. (CUCHE, 1999, p. 200).

Nesse contexto, a princípio, a identidade calcada pelos Estados Unidos tem o objetivo de diferenciá-los dos mexicanos do outro lado da fronteira. E, muito embora, os fatos históricos confirmam que boa parte do território hoje pertencente aos Estados Unidos eram terras mexicanas, e que muitos moradores locais se viram dentro de outra marcação espacial, tais peças da história não parecem servir de parâmetros para dizer que ambas as nações estão implicadas em uma geopolítica heterogenia de interações e hibridizações. As identidades locais, nesse sentido, obedeceriam a certas diferenças não

para marcar a heterogeneidade, mas para definir a superioridade de um país em detrimento do outro, ou de um grupo nacional mais hegemônico do que outro.

A história das identidades em fronteira dos Estados Unidos e México, portanto, é colocada além da mera divisão geográfica de dois territórios. Ela é marcada por outros dispositivos identitários. Em diálogo com Barth, Cucho compreende que,

Entretanto, as “fronteiras” não são imutáveis. para [sic] Barth, todas as fronteiras são concebidas como uma demarcação social suscetível de ser constantemente renovada pelas trocas. Qualquer mudança na situação social, econômica ou política pode provocar deslocamentos de fronteiras. O estudo destes deslocamentos é necessário se quisermos explicar as variações de identidade. A análise da identidade não pode então se contentar com uma abordagem sincrônica e deve ser feita também em um plano diacrônico. (CUCHE, 1999, p. 201-202).

Os deslocamentos de fronteiras foram intensificados na modernidade, e, na visão de Cucho, variações de identidades despontam como uma forma dos sujeitos resistirem ou se adaptarem as transformações sócio-espaciais.

Já Nestor Canclini (2015), no seu livro *Culturas Híbridas*, em particular o capítulo “Culturas Híbridas, Poderes Oblíquos”, trabalha com o conceito de hibridação para refletir como as culturas, as identidades, os gêneros, as etnias, e as funções se obliquam e estão em constante transformação. Nessa perspectiva, as imagens geradas pelas culturas (narrativas na literatura e no cinema, HQs, fotografia, monumentos nacionais e esculturas, etc.) dizem respeito aos novos paradigmas dos espaços em fronteiras, dos grandes centros urbanos, da globalização, do mercado econômico, dentre outras formas de ler e traduzir o mundo. Sobre esses processos e movimentos, que podem ser associados às noções de desterritorialização e reterritorialização, Canclini (2015, p. 309) afirma que se trata de um constante entrar e sair da modernidade, e que as produções simbólicas são cambiantes. Dessa forma, o sentimento de pertencimento a certas ideias de identidades estão, também, se realocando segundo essas transformações, produzindo identidades fragmentadas, descentradas, e forçadas a lidar com um espaço onde as mudanças são mais velozes do que a capacidade de retê-las. Observamos, por exemplo, que no romance *All the pretty horses*, o personagem John Grady possui uma identidade forçada a lidar com a transformação do território texano e do fim das fazendas de criação de cavalos para o surgimento de campos de petróleo.

Acerca do trânsito na fronteira, uma das questões observadas por Canclini (2015, p. 315), citando Michel de Certeau, é a capacidade dos sujeitos de “atravessar o espaço”. Nesse sentido, pela constante migração local, a mobilidade é um fator

preponderante para conseguir acompanhar a velocidade dos próprios movimentos. É nesse “[...] lugar híbrido, no qual se cruzam os lugares realmente vividos” (CANCLINI, 2015, p. 327), onde as identidades comunicam seus discursos, produzem vozes e sentidos, existências e resistências.

Nesse limiar compreendemos que “[...] as fronteiras são móveis e de que as personagens e os temas se confundem.” (CANCLINI, 2015, p. 344-345). Sendo assim, o oeste é esse lugar do devir, não há centros, mas margens que atravessam a vida, pessoas e histórias. Por fim, Canclini (2015, p. 348) concebe “que hoje todas as culturas são de fronteira” e que “em toda fronteira há arames rígidos e arames caídos. As ações exemplares, os subterfúgios culturais, os ritos são maneiras de transpor os limites por onde é possível.” (CANCLINI, 2015, p. 349). A narrativa literária compreende esse lugar possível onde a arte se confunde com a própria vida, envolve uma perspectiva particular, mas que toca em outros pontos e joga com imaginários coletivos, as identidades e suas problemáticas, as transformações sociais e políticas que chegam até cada um de nós por caminhos diferentes.

De um lado, as transformações que ocorrem tanto pelos avanços tecnológicos quanto pela industrialização parecem estar distantes de outras tradições, muitas vezes ancestrais, que possuem uma memória afetiva por um passado e que não coadunam com essa organização social decorrente do mercado global. Por outro, esses processos ajudam a compreender que

[...] o passado não aparece como um lugar sagrado e desprovido de espírito de conflito a partir do qual se resista ao indiferenciado acionar do processo da globalização, mas como um lugar/problema a partir do qual se assinala os vazios das histórias oficiais e também os problemas de uma resistência potencialmente desativadora. (ACHUGAR, 2006, p. 88).

Portanto, a compreensão desses movimentos é atravessada pela produção de narrativas na literatura como em outros sistemas de linguagem. Ler a arte pressupõe confrontá-la com a própria vida, e dessa maneira, “[...] necessitamos uma cartografia alternativa do espaço social, baseada mais nas noções de ‘circuito’ e ‘fronteira’” (ACHUGAR, 2006, p. 94), não como algo estanque, mas em constante transformação, que se redesenham na hibridação de identidades e vozes, espaços e travessias.

Na seção seguinte, refletiremos como o romance *All the pretty horses*, de Cormac McCarthy, coloca em circuito a identidade do *cowboy* texano, de um passado arcaico, e de como o estar em fronteira recria e potencializa o imaginário do oeste.

### ***All the pretty horses: identidades em travessias***

Cormac McCarthy aciona em suas produções literárias vários aspectos da cultura do oeste, da violência imbricada na sua paisagem, e de movimentos intensos de personagens no território. A trilogia da fronteira, composta pelos romances *All the pretty horses*, *The crossing* (1994) e *Cities of the plain* (1998), projeta as vivências de uma região, suas marcas e identidades desterradas. Além de produzir uma literatura que tem a ver com culturas híbridas na fronteira, a mistura das línguas, e as constantes travessias do espaço. O autor se destaca na contemporaneidade pela linguagem descritiva em diálogo com outros autores do cânone da literatura norte-americana como Herman Melville e William Faulkner.

A história de *All the pretty horses*, primeiro livro da trilogia publicado em 1992, se passa na metade do século XX, pós Segunda Grande Guerra. John Grady Cole, personagem protagonista, é um adolescente que se frustra com a desagregação familiar e a perda do rancho da família no Texas. Na sua memória restam as histórias contadas pelo seu avô, revelando o desejo que John Grady alimenta de poder viver um passado arcaico ligado a tradições culturais, como domar cavalos. Contudo, o lado estadunidense da fronteira já está em transformação: as antigas fazendas de criação de gado estão dando lugar aos campos de extração de petróleo. John Grady sente a necessidade de deslocar-se para o México, lugar onde acredita ser possível reviver um mundo arraigado a costumes que seu avô lhe narrava. Ao entrar no espaço do outro, o garoto percebe que aquele mundo não lhe pertence, pois possui normas sociais distintas onde John Grady não pode exercer sua liberdade, já bastante restrita.

Segundo Elis (2009, p. 16), nesse romance, há a tentação de imaginar as personagens cavalgando com uma liberdade que condiz com a mitologia do oeste americano, ou sugere um México transgressor e misterioso como um território selvagem, com jovens americanos prontos para pô-lo à prova. Nessa jornada, John Grady tem como companheiro o amigo Lacey Rawlins, e ao longo da travessia, encontram o adolescente Jimmy Blevins, que os acompanha. Os três cruzam a fronteira rumo ao México onde não concebem, *a priori*, que o oeste do outro lado é uma paisagem diferente, espaço outro, em que o imaginário americano não se encaixa com o contexto mexicano de forma harmônica. As culturas, apesar de suas relações híbridas, não se coadunam como um todo, pois isso depende de cada contexto e identidades que transitam no território do outro.

No entanto, na narrativa, há inscrições que indicam a relação entre as identidades locais. Com a separação dos pais, John Grady cresceu sob os cuidados de Luisa, mexicana que trabalhava na fazenda no Texas, e pela *abuela*, que viveu toda a vida com a família. Nesse sentido, o personagem possui uma identidade influenciada pelo idioma espanhol que o possibilita ser compreendido no território mexicano. O jovem se comunica em espanhol, no entanto, esse aspecto não garante a sobrevivência no oeste mexicano, uma vez que esse território não se define apenas pela matriz linguística, mas também por aspectos sócio culturais.

Em outro momento, a caminho da fronteira e ainda em território americano, John Grady e Rawlins param em uma loja e compram comida. Na saída, eles se deparam com um mexicano que os interpela:

Pra onde vão?, perguntou.  
 México.  
 Pra quê?  
 Rawlins olhou para John Grady. Acha que devemos confiar nele?  
 Ele parece legal.  
 Estamos fugindo da lei, disse Rawlins.  
 O mexicano examinou-os de alto a baixo.  
 A gente assaltou um banco.  
 Parado o mexicano olhava os cavalos. Não roubaram banco nenhum, disse.  
 Conhece aquela região lá embaixo?, perguntou Rawlins.  
 O mexicano balançou a cabeça e cuspiu. Nunca fui ao México em minha vida. (MCCARTHY, 1992, p. 33-34).<sup>2</sup>

Nesse diálogo, observamos que as identidades são confusas. Apesar de nunca ter viajado ao México, o homem é identificado como mexicano pela voz narrativa. Esse traço de ironia tem a ver com a hibridação cultural na região, conforme as discussões apresentadas por Canclini, espaço onde diferentes nacionalidades se cruzam, e a identidade não está vinculada ao território do país, mas a outros vínculos, que não ficam bem evidentes no romance, pela própria complexidade das culturas e dos povos que vivem no espaço da fronteira.

Em outra perspectiva, para John Grady, a saída dos Estados Unidos significa o fim de uma geração que sempre trabalhou com cavalos nas pradarias texanas. Diante da especulação das empresas petroleiras, a mãe (que também deseja viver como atriz e quer que o filho estude) decide vender a terra, o que implica outra configuração social

---

<sup>2</sup> Where you headed? he said./Mexico./What for?/Rawlins looked at John Grady. You think he can be trusted?/Yeah. He looks all right./We're runnin from the law, Rawlins said./The Mexican looked them over./We robbed a bank./He stood looking at the horses. You aint robbed no bank, he said./You know that country down there? Said Rawlins./The Mexican shook his head and spat. I never been to Mexico in my life. (Tradução de Marcos Santarrita, da edição brasileira intitulada *Todos os belos cavalos*, editora Companhia das Letras, 1993).

daquele espaço. Esse mesmo espaço que John Grady não reconhece mais como seu. A travessia da fronteira para o México se caracteriza uma busca por uma identidade familiar, pertencente ao modo de vida dos seus ancestrais. No entanto, ao cruzar a fronteira, o jovem se coloca no território mexicano, que na sua construção cultural, se revela ainda mais distante do seu imaginário. A vida de *vaquero* em terras mexicanas aos poucos é transformada pelas configurações sociais locais que o levam ao elemento trágico, devido à violência desmedida gerada pelas escolhas dos personagens.

O adolescente Jimmy Blevins é um mistério para os outros dois jovens. Eles não têm certeza do motivo que levou o jovem a seguir em direção ao México. Além disso, há discrepância a respeito do verdadeiro nome de Blevins. No decorrer da narrativa, percebemos que Grady e Rawlins duvidam sobre a verdadeira identidade do menino. O único elo entre ambos é a relação com os cavalos. Os animais simbolizam um modo de vida com traços do passado. A forma de lidar com os animais é o mesmo de antigamente. Na história, perder o cavalo é perder tudo. E isso é confirmado quando Blevins deixa escapar seu animal e para recuperá-lo entra em conflito com mexicanos.

Ao fugir dos conflitos provocados por Blevins, John Grady e Rawlins conseguem escapar até uma *hacienda* (fazenda) chamada Nuestra Señora de La Puríssima Concepción. A fazenda encrustada entre vales se estende por vastas léguas e possui rebanhos de gados e muitos cavalos selvagens. Nesse local, os jovens parecem reviver aquilo que o avô de John Grady lhe narrava. Lá, ganham fama pelo modo como domam os animais. No entanto, a mesma mestria que possuem para domesticar os equinos não lhes garante o domínio do espaço e dos homens.

Após um período de trabalho em La Puríssima e tendo um envolvimento amoroso com Alejandra, filha do dono da *hacienda*, John Grady entra em conflito com as “leis” do México que o levam à prisão. A penitenciária é uma espécie de provação, e enquanto sujeito oriundo de outro lugar – o oeste estadunidense –, John Grady se vê dentro de um território movediço e a única saída é retornar ao país natal.

No entanto, ao cruzar a fronteira de volta aos Estados Unidos, ele se depara com um país transformado e quase irreconhecível, mas podemos indicar que a maior mudança foi a que ele próprio sofrera devido às experiências no México. De todo modo, os Estados Unidos já não é mais a sua terra. Ao reencontrar Rawlins, o amigo pergunta: “Onde é sua terra?”, perguntou. Não sei, disse John Grady. Não sei onde é. Não sei o que

acontece com a terra.”<sup>3</sup> (MCCARTHY, 1992, p. 299). Assim, John Grady é um americano expatriado, e seu imaginário de uma terra dominada por homens em um espaço patriarcal já não se sustenta na realidade. Nesse sentido, sua identidade é desterrada, posta à prova pelas condições industriais daquele espaço e pelas próprias demarcações nacionais. Sua única companhia é seu cavalo, o elo entre o passado e o presente. Seu último laço ancestral se desfaz com a morte da *abuela*. No cemitério, olhava o túmulo daquela que

[...] trabalhara cinquenta anos para a família. Cuidara de sua mãe quando bebê e já trabalhava para a família muitos anos antes de sua mãe nascer e conhecera e cuidara dos endiabrados meninos Grady que eram tios de sua mãe que tinham morrido todos há muito tempo e ficou segurando o chapéu e chamou-a de *abuela* e disse-lhe adeus em espanhol e depois virou-se e pôs o chapéu e voltou o rosto molhado para o vento e por um momento estendeu as mãos como para firmar-se ou para abençoar o chão ali ou talvez para diminuir a marcha do mundo que se precipitava e parecia não ligar nada para os velhos ou jovens ou ricos ou pobres ou pretos ou brancos ou eles ou elas. Nada para suas lutas, nada para seus nomes. Nada para os vivos ou mortos. (MCCARTHY, 1992, p. 301).<sup>4</sup>

O trecho acima corrobora a noção de um mundo em constante movência, onde as culturas e as identidades obedecem à sua marcha. Por fim, John Grady vagueia em meio ao deserto texano a cavalo sem uma direção certa, atravessando o Rio Pecos onde “[...] os braços das bombas de petróleo do Campo Yates enfileiradas contra o horizonte subiam e baixavam como pássaros mecânicos.” E nessa paisagem, o jovem seguiu “[...] no mundo a vir.”<sup>5</sup> (MCCARTHY, 1992, p. 301-302). A narrativa, assim, se abre para diversas interpretações a respeito de espaços da fronteira, problematiza a forma como as transformações do mundo afetam os indivíduos gerando precariedades enquanto sujeitos de identidades híbridas que são desterradas pelas novas demarcações culturais e territoriais que se intensificaram a partir da Segunda Guerra Mundial.

A obra literária, por fim, compreende uma pluralidade de sentidos que precisam ser investigados como parte da própria dinâmica da vida, de discursos e

<sup>3</sup> Where is your country? he said./I dont know, said John Grady. I dont know where it is. I dont know what happens to country.

<sup>4</sup> [...] had worked for his family fifty years. She had cared for his mother as a baby and she had worked for his family long before his mother was born and she had known and cared for the wild Grady boys who were his mother’s uncles and who had all died so long ago and he stood holding his hat and he called her his *abuela* and he said goodbye in spanish and then turned and put on his hat and turned his wet face to the wind and for a moment he held out his hands as if to steady himself or as if to bless the ground there or perhaps as if to slow the world that was rushing away and seemed to care nothing for the old or the young or rich or poor or dark or pale or he or she. Nothing for their struggles, nothing for their names. Nothing for the living or the dead.

<sup>5</sup> [...] the pumpjacks in the Yates Field ranged against the skyline rose and dipped like mechanical birds.

perspectivas que têm a ver com o modo como nós, seres humanos, falamos de nossa condição em determinado tempo e espaço, e o que podemos produzir para nos entendermos enquanto sujeitos múltiplos, híbridos e que promovem transformações que afetam uns aos outros a todo instante.

### **Considerações finais**

Como desdobramentos finais, compreendemos a fundamental presença da literatura na interpretação do trânsito de identidades, culturas e sociedades, especialmente, no continente americano. As transformações tanto no âmbito dos avanços tecnológicos no mundo globalizado quanto na formação de culturas, muito influenciadas pelos intensos movimentos migratórios, são parte de nossa própria história enquanto sujeitos da interação e que vivem em comunidades.

O romance *All the pretty horses*, de Cormac McCarthy, traça uma perspectiva da fronteira México/Estados Unidos, e problematiza a vida do protagonista John Grady, nesse espaço fronteiriço, de identidades e culturas moventes, que estão em constantes contatos entre si, seja numa relação híbrida ou inscrita numa condição de violência, oriunda da dominação histórica. O personagem não se adequa as novas demarcações do espaço, e nesse contexto, sua identidade é desterrada. Contudo, suas experiências ainda falam de lugares, de vidas e de culturas que estão sempre em transformação.

### **Referências**

- ACHUGAR, Hugo. Repensando a heterogeneidade latino-americana: a propósito de lugares, paisagens e territórios. In: \_\_\_\_\_. *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura*. Tradução de Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, p. 81-100.
- CANCLINI, N. G. Culturas híbridas, poderes oblíquos. In: \_\_\_\_\_. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015, p. 283-350.
- CUCHE, D. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 1999.
- ELLIS, Jay. *No Place for Home: spatial constraint and character flight in the novels of Cormac McCarthy*. New York: Routledge, 2006.
- MCCARTHY, Cormac. *Todos os belos cavalos*. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- \_\_\_\_\_. *All the pretty horses*. New York: Vintage Books, 1992.